PARDAL, O PÁSSARO COSMOPOLITA

José Luis de Castro Silva

Pardal, Passer d. domesticus, macho (A) e fêmea (B)

Qualquer um de nós já viu um par-

Esse fringilídeo cujo nome científico é PASSER DOMESTICUS (LINNEO), habita hoje todos os cantos do Brasil onde o homem esteja presente, à exceção das florestas.

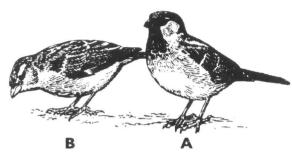
É um pássaro que vive associado ao homem e que se expandiu pelo mundo por conta própria ou levado pelo próprio homem. Vive tanto em lugares muito frios como nos demasiado quentes.

A figura anexa de um dos artigos de Marcel Ruelle publicado no *Journal des*

Oiseaux nos dá uma idéia de como se encontram no mundo. O mapa é de

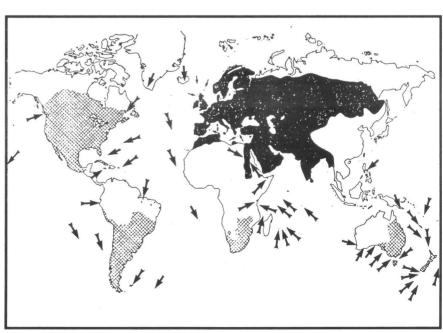
O mapa é de autoria de Long e data de 1981.

Além do pardal que conhecemos aqui no Brasil, existem outros pássaros afins, bastante semelhantes a



Mapa de distribuição e de introdução do pardal doméstico

(em preto: distribuição normal da espécie; hachuriado: zonas de introdução; ∮ introdução com sucesso; ∮ introdução sem sucesso)



ele em diversas partes do mundo, mas este artigo somente tratará do nosso velho conhecido que é o único de sua família que existe na América do Sul.

Sua descrição é desnecessária, pois todos podem identificá-lo sem dificuldade, podendo alguns menos atentos confundir as fêmeas com o nosso outrora popular Tico-tico.

Há um dimorfismo sexual acentuado entre os machos adultos e as fêmeas. Os filhotes, como em todos os pássaros onde há dimorfismo, se assemelham às fêmeas até a primeira grande muda, quando os machos começam a adquirir a plumagem que os caracteriza.

Apesar de serem, teoricamente granívoros, comem de tudo, principalmente quando estão em época de criação.

São extremamente prolíferos, excelentes criadores, mas também barulhentos e brigões. Brigam entre si, com outros pássaros, mas aqui no Brasil, convivem de maneira razoável com as nossas rolinhas caldo de feijão.

Seus ninhos que são feitos nos lugares os mais diversos, são um tanto mal arrumados externamente com gravetos e palhas, sem uma forma perfeitamente definida, mas a parte interna é forrada com penas e outros materiais macios como algodão, paina, pedaços de tecido e tudo o mais que satisfaça a finalidade de forrar a cavidade onde serão colocados os ovos.

Já encontramos ninhos de pardais em telhados de casas, em galpões de oficinas e garagens, em buracos nas paredes de muros e até em árvores.

Todos os que colocamos a mão, tinham uma característica comum, esta-

vam infestadas de piolhos mas os filhotes, se ali estavam, eram gordos e estavam com os papos bem nutridos.

Em Santa Maria, no final da década de 70 colocamos quatro ovos de canários em um ninho de pardal. Nasceram três filhotes que esperávamos recolher. Aos dez dias estavam empenados mas aos quatorze ou quinze, quando fui vê-los, já haviam saído do ninho e os perdi.

Sendo um pássaro comum e de difícil domesticação sempre despertou muito pouco interesse para nós, criadores, que sempre o olhamos como praga.

Como todas as aves prestam serviços inestimáveis em algumas ocasiões, destruindo insetos e em outras tornam-se nocivos destruindo o que o homem cultiva.

Há porém, um aspecto que julgamos interessante citar: a fama que se lhes atribui de terem expulsados nossos pássaros indígenas. Entendemos neste caso que cabe ao homem a maior responsabilidade pelo fato, pois destruimos o "habitat" de nossos indígenas, enxotando-os para outras regiões onde não havia homens e consequentemente pardais.

A caça indiscriminada aos pássaros indígenas diminuiu suas populações deixando-os também em desvantagem no aspecto "quantidade".

Dois fatos por nós observados parecem favorecer tal suposição:

l° - Na cidade de Rosário no Rio Grande do Sul nos anos de 76 a 78, constatamos a presença efetiva de pardais, entretanto no Regimento de Carros de Combate que lá existe, os pardais não se faziam presentes. No quartel criava-se





canários da terra, do tipo sulino, em quantidade que jamais havíamos visto. Os ninhos ficavam nos forros das reservas e em arbustos e apesar da presença do homem, das edificações e do rancho, nossos canários, também brigões, não permitiram a presença dos pardais; somente dos outros indígenas.

2° - Em Guaratiba. no Centro Tecnológico do Exército, os pardais se restringiam às zonas onde haviam construções, incluindo o rancho, mas não interferiram durante os sete anos que lá estivemos com os coleiros caboclinhos, tizius, viuvinhas e tantos outros pássaros que habitavam as áreas onde não há construção.

Além destes dois fatos podemos constatar aqui no Rio de Janeiro em qualquer local onde haja

algum conjunto de árvores, a presença de sabiás, sanhaços e outros indígenas que já se habituaram à convivência com o homem e com os pardais.

Se até hoje não nos interessamos por nossos pardais, os europeus já o estudam e até o criam em cativeiro, tendo inclusive já fixado algumas mutações.

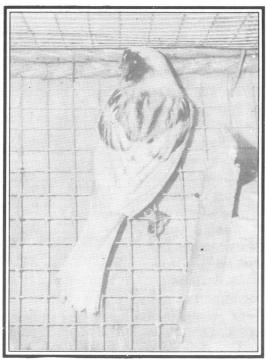
Marcel Ruelle vem desenvolvendo no Journal des Oiseaux sob o título "O pardal e seus primos do gênero Passer" desde meados de 1991 inúmeros artigos que totalizarão dezenove capítulos, ilustrando com fotografias os grupos, seus componentes e toda a história dos pardais.

Segundo o articulista, os pardais foram introduzidos no Brasil em 1903, mas já lemos algo que diz ter sido um pouco

> antes, no período do império. A origem de nossos pardais é francesa, e os do Rio, cerca de trinta casais foram soltos na atual Praça da República (Campo de Santana), onde se alojaram nas estrebarias lá existentes à época. Desapareceram após serem soltos, mas no ano seguinte seus ninhos já foram encontrados e começou a expansão no Rio.

Já segundo Helmut Sick, no vol. 2 de Ornitologia Brasileira, diz:

"Consta que o pardal foi introduzido no Rio de Janeiro em 1906 por Antônio B. Ribeiro, que trouxe de Leça da Palmeira, Portugal, 200 indivíduos, para soltá-los no Campo de Santana, tendo a aprovação do prefeito Pereira Passos; alegaram colaborar com Oswaldo Cruz na sua campanha de higienização da cidade, pois os pardais eram considerados inimigos dos mosquitos e outros insetos transmissores das enfermidades que então grassa-



Pardal - mutação phaeo-macho

vam no Rio (Sick 1971).

Na subsequente expansão dos pardais pelas terras do Brasil houve também muita transferência propositada, tanto com o intuito de ser solto no novo destino, como para negociar com esse pássaro que era desconhecido para a população do interior. "

É possível que os pardais do sul tenham vindo da Argentina e do Uruguai, pois também foram introduzidos em 1919 nas Malvinas vindos do Uruguai.

No que se refere as mutações, Ruelle ainda não as abordou especificamente, mas os números 252 e 254 de janeiro e março de 1992 publicam respectivamente, fotos de um pardal feo e de um acetinado em um viveiro e uma foto isolada do feo que apresenta o padrão mármore idêntico aos dos canários assim denominados.

Observamos em 1941, quando fazíamos o admissão, no pátio do colégio, alguns pardais parcialmente brancos, mas naquele tempo não estávamos ligados ao assunto, mas lembro serem eles os alvos preferidos das atiradeiras.

Hoje, onde moramos, é difícil ouvir ao entardecer, o chilrear barulhento que faziam nos oitis antes do escurecer, a sinfonia dos pardais da célebre Ave Maria no Morro.

O número incrível de edifícios de apartamentos construídos no Grajaú, prédios que os pardais não são muitos chegados, os inseticidas domésticos que os matamatravés dos insetos que comem, dentre os quais a barata, devem tê-los afugentados para outros sítios onde haja casas e não passe o tal do fumacê que com aquele cheiro, mata os mosquitos, nos incomoda



e não deve ser muito saudável para os pardais.

Como nossos pássaros indígenas, enquanto não se adaptam às novas condições, vão em busca de locais propícios. É a lei da sobrevivência.

Para encerrar esta divagação sobre os pardais, um fato interessante: Um amigo não criador há alguns anos, após perguntar-me como andava a criação de canários e obter uma resposta de que o número de ovos claros era enorme, apontou para um fio onde estava um casal de pardais. O macho de um lado, galava a fêmea e passava para o outro lado. No curto espaço de tempo que observamos, montou quatorze vezes. Disse-me o amigo: "Zé pega aquele pardal e leva para casa para ensinar aos teus canários como se trabalha".

Os nossos pardais, face a suas peculiaridades, já merecem um pouco de atenção de nossa parte.

